

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD

Débora Evelyn Souza de Oliveira

A LEITURA DE PINTURAS FIGURATIVAS ATRAVÉS DE
LIVROS POP UP:
UM RECURSO DIDÁTICO PARA O PROFESSOR DE ARTE

Rio de Janeiro
2020



Débora Evelyn Souza de Oliveira

A LEITURA DE PINTURAS FIGURATIVAS ATRAVÉS DE LIVROS POP UP:
UM RECURSO DIDÁTICO PARA O PROFESSOR DE ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Orientador (a): Prof^a Ms Fabiana Ferreira de Alcantara

Rio de Janeiro
2020

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

O48 Oliveira, Débora Evelyn Souza de
A leitura de pinturas figurativas através de livros pop up : um recurso didático para o professor de Arte / Débora Evelyn Souza de Oliveira. - Rio de Janeiro, 2020.

32 f.; 27 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais – EAD) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Fabiana Ferreira de Alcantara.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Pintura. 3. Leitura. 4. Recursos didáticos. I. Alcantara, Fabiana Ferreira de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Débora Evelyn Souza de Oliveira

A LEITURA DE PINTURAS FIGURATIVAS ATRAVÉS DE LIVROS POP UP:
UM RECURSO DIDÁTICO PARA O PROFESSOR DE ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Ms. Fabiana Ferreira de Alcantara (Orientador)
Colégio Pedro II

Ms. Vivian Greco C. de Araújo
Colégio Pedro II

Nilza Cristina de Souza Culmant Ramos
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2020

Dedico o meu trabalho de conclusão de curso à minha mãe Delva, que sempre me incentivou a seguir o caminho dos estudos. Pois o conhecimento é algo maravilhoso e que todos devem usufruir. E ao meu filho Gabriel, que a cada sorriso seu, me impulsiona a seguir em frente, ao seu lado.

AGRADECIMENTOS

A caminhada foi longa. Durante o período da pós-graduação passei por desafios pessoais, porém pude contar com o apoio da minha família e compreensão da minha orientadora Fabiana Alcantara. E pude prosseguir com meus estudos. Estes que foram enriquecedores para mim, enquanto professora de arte.

Primeiramente agradeço à Deus por permitir que eu tivesse forças para chegar até aqui e não desistir. Deus, em sua infinita bondade permitiu que eu pudesse realizar o sonho de fazer essa especialização no Colégio Pedro II, um colégio de referência, no qual tive a honra de aprender, trocar experiências com ótimos professores.

Agradeço à minha família, em especial a minha mãe, que sempre me incentivou a não desistir e dispôs de seu tempo para me ajudar a cuidar do meu filho, Gabriel, enquanto realizava os meus estudos.

Por fim, agradeço à minha orientadora professora Fabiana Alcantara pela compreensão, por enxergar o lado humano, através da minha condição de aluna, me incentivando a não desistir e sempre, com muita boa vontade, me ajudando, sanando minhas dúvidas.

O que aprendemos refaz e reorganiza nossa vida

Anísio Teixeira

RESUMO

OLIVEIRA, Débora Evelyn Souza. **A leitura de pinturas figurativas através de livros pop up** : um recurso didático para o professor de Arte . 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

Este trabalho tem por objetivo apresentar um produto educacional para alunos do 6º ano do ensino fundamental II com objetivo de auxiliar na leitura de pinturas figurativas através de livros pop up como recurso pedagógico. Para isso, serão feitas reflexões a respeito do uso desse tipo de livro para a leitura de imagem, em especial as reproduções de pinturas figurativas de diferentes épocas. O produto educacional em questão será um pequeno manual que apresenta o livro em modelo pop up, no qual mostrará como se dá a montagem, possibilidades de estilos a serem trabalhados e assuntos, assim como o passo a passo da criação de um novo livro, com duas técnicas simples a serem utilizadas. A ideia é colaborar com o professor de arte no trabalho de obras figurativas de diversas épocas, estilos, nacionais, internacionais e da cultura popular.

Palavras-chave: Livro Pop Up. Recurso Didático. Leitura de Imagem.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Débora Evelyn Souza. A leitura de pinturas figurativas através de livros pop up : Um recurso didático para o professor de Arte . 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

This work aims to present an educational product for students of the 6th year of elementary school II in order to assist in reading figurative paintings through pop up books as a pedagogical resource. For this, reflections will be made regarding the use of this type of book for image reading, especially the reproductions of figurative paintings from different eras. The educational product in question will be a small manual that presents the book in a pop up model, in which it will show how the assembly takes place, possibilities of styles to be worked on and subjects, as well as the step by step of creating a new book, with two simple techniques to be used. The idea is to collaborate with the art teacher in the work of figurative works from different eras, styles, national, international and popular culture.

Keywords: Pop Up Book. Didactic Resource.; Image Reading.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A LEITURA DE IMAGEM: UMA INTRODUÇÃO.....	12
2.1 Cultura e Cultura Visual.....	16
2.2 A leitura de imagem: Desvendando o seu universo.....	23
3 RECURSO DIDÁTICO: A PONTE ENTRE O CONHECIMENTO EM ARTE E O ALUNO	27
4 LEITURAS DE PINTURAS FIGURATIVAS. E OS LIVROS POP UP? ONDE ENTRA NISSO?.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE A - PRODUTO EDUCACIONAL.....	33

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo propor um produto educacional, no qual auxilie o professor de artes a trabalhar a leitura de imagem, em sala de aula. Partindo de alguns referenciais teóricos como textos da pesquisadora Ana Mae Barbosa, que analisa a questão da leitura de imagem a partir da abordagem triangular; de Maria Helena Wagner Rossi que analisa a leitura de imagem e de que maneira esse processo pode tornar algo acessível ao educando, a partir de suas experiências como artista; das ideias da professora Lucia Santaella, que compartilha de suas experiências em sala de aula e propõe ricas reflexões sobre a leitura de imagem. Entre outros autores que serão apresentados no decorrer do trabalho.

O objeto de pesquisa permeia essas três questões: Como se lê uma obra de arte? Que recurso didático poderia contribuir para a eficácia dessa leitura? E como o livro pop up poderia ser uma alternativa eficaz para o professor usar em suas aulas de arte?

Para se alcançar um resultado satisfatório, no ensino de artes, é necessário a investigação de caminhos que possibilitem mediar o conhecimento. No dia a dia da educação, no ensino básico, nos deparamos com alunos com dificuldades de interpretação de textos (sejam eles escritos ou visuais). Por outro lado, há professores com dificuldades de usar outras possibilidades para apresentar estímulos visuais, que fujam aos modos mais tradicionais, como por exemplo, uma reprodução de uma imagem através da projeção com Datashow. E para sanar algumas dificuldades que envolvem a leitura de imagem apresenta-se, neste trabalho, como produto educacional o livro pop up para o auxílio da leitura. Pretende-se mostrar como o livro pop up pode ser um recurso de grande potencial para auxiliar a leitura de imagem, nesse caso, especificamente, a pintura figurativa, sejam elas pinturas de artistas famosos ou não, nacionais e internacionais e da cultura local.

A pesquisa almeja se aprofundar na relação: ler, imaginar, criar e contextualizar, processos esses que estão interligados e que são elementos essenciais para o processo criativo do aluno e o seu conhecimento em artes. Portanto, busca-se através do produto educacional e dos referenciais teóricos propostos, apresentar o quanto os livros pop up podem ser eficazes para auxílio na leitura de imagem. Além de decorrer a respeito desse assunto, serão exemplificadas técnicas simples para a construção de novos livros pop up, cujo passo a passo da produção faz parte do produto final desta pesquisa, visando auxiliar futuros professores que venham a utilizar este material. O aprofundamento teórico será a base para a reflexão

acerca da leitura de imagem para, finalmente, pensar a respeito da inserção de livro pop up na sala de aula para o estímulo a leitura de pinturas figurativas, especialmente.

2 A LEITURA DE IMAGEM: UMA INTRODUÇÃO

Desde a pré-história o homem sempre produziu imagens. Nas cavernas, ele já deixava o seu registro. E, ao longo da história, a produção de imagens só foi aumentando, recebendo influências de cada época na qual foram produzidas. Isso nos mostra que somos seres cercados de imagens. Elas estão em toda a parte. E a cada época vem se mostrando de maneiras diferentes, de acordo com as transformações sociais e o avanço da tecnologia. Na televisão vemos imagens, na rua vemos imagens, na internet vemos imagens. Ou seja: estamos imersos em estímulos visuais.

O aluno, no dia a dia, vivencia o universo imagético. Ele, durante o trajeto até a escola, pode se deparar com anúncios, outdoors, uma banca de jornal cheia de revistas, repletas de imagens. Ele pode querer acessar a internet, durante o intervalo e simplesmente ver milhões de imagens que se multiplicam a cada dia em sites de pesquisas, redes sociais, blogs, vídeos, etc. Na aula de arte o seu professor pode apresentar reproduções de obras de arte. Enfim, a imagem faz parte da vida do aluno, de modo que não dá para dissociar o universo imagético de seu dia a dia. Isso seria impossível, pois as imagens estão aí através de vários apelos visuais. E é dentro desse contexto que o professor necessita pesquisar caminhos que contribuam para uma boa leitura de imagem pelo aluno.

Deste modo, o professor, um eterno aprendiz, precisa sempre questionar seus métodos de ensino e pesquisar novas formas de mediar o conhecimento se for necessário para, de fato, ajudar na construção do conhecimento dos educandos. Azevedo e Araújo falam, abaixo, de uma abordagem teórica que será uma das bases da minha pesquisa, a princípio, sobre a leitura de imagem:

Por ser profundamente dialógica, a Abordagem Triangular é uma teoria aberta, já que um de seus principais atributos é ser uma teoria viva, não linear, não acabada e, portanto, fecunda. Ela possibilita ao arte/educador questionar e reorientar o seu trabalho, compreende-o como sujeito da história capaz de reelaborar sua práxis (articulação entre teoria e prática) como um recriador e não como mero reproduzidor. (AZEVEDO; ARAÚJO, 2015, p. 346).

Ana Mae Barbosa (2014), autora do termo e das ideias, ao falar sobre a proposta triangular, pontuou um erro que costumava ser reproduzido no emprego da palavra correta a respeito de sua teoria. Ela ressaltou, em seu livro, que apresentar a abordagem triangular como metodologia triangular seria um erro, acrescentando que os termos mais apropriados

seriam "proposta" ou "abordagem" justificando que "metodologia" é algo feito pelo o professor em sua sala de aula. Barbosa (2014, p. XXVI- XXVII) diz:

Culpo-me por ter aceito o apelido e usado a expressão Metodologia Triangular neste livro, publicado em 1991. Hoje, depois de anos de experimentação, estou convencida de que metodologia é construção de cada professor em sua sala de aula e gostaria de ver a expressão Proposta ou Abordagem Triangular substituir a prepotente designação Metodologia Triangular.

Percebemos que não se trata de apenas mudar uma palavra, mas sim seu significado, de modo que fique pertinente ao objetivo pretendido dentro da educação em artes. Ao falar que Metodologia "é a construção do professor em sala de aula" (BARBOSA 2014, p. XX), Ana Mae nos dá uma dica. Ao mesmo tempo que salienta quais nomes são pertinentes a sua teoria (Abordagem ou Proposta Triangular) conceitua a palavra "Metodologia", atribuindo-lhe significados que se referem mais na forma que o professor vai apresentar um conteúdo e não em que bases teóricas esse professor irá usar como parâmetro para o ensino.

Isso leva a refletir que tão importante é a proposta que vamos nos basear é a forma como vamos direcionar o ensino. Esse caminho que é decisivo para o encontro entre o conhecimento e o aluno. Ou seja, pensar na metodologia é de suma importância ao passo que, conseqüentemente, pensamos no que usar para contribuir para o processo ensino-aprendizagem. Além de questionarmos "baseado em quê?", "De que forma?" temos que questionar, com vigor, também, "Com o quê?". Neste trabalho irei me concentrar na pergunta "Com o quê?". Porém, sem esquecer os conhecimentos envolvidos que guiam as reflexões deste trabalho, e que justificam a relevância do produto educacional.

Leitura ou apreciação? Tanto a leitura quanto a apreciação abrangem um limite de significados nos quais são pontos decisivos para que possamos refletir qual será pertinente ao estudo da imagem. Seria apreciação da imagem ou leitura da imagem? Ana Mae Barbosa (2014) destaca a importância de saber diferenciar "apreciação" e "leitura":

As elaboradoras dos PCNs preferiram designar a decodificação da obra de arte como apreciação. Escolhi usar a expressão "leitura" da obra de arte na Abordagem Triangular em lugar de apreciação por temer que o termo apreciação fosse interpretado como um mero deslumbramento que vai do arripio ao suspiro romântico. A palavra leitura sugere uma interpretação para a qual colaboram uma gramática, uma sintaxe, um campo de sentido decodificável e a poética pessoal do decodificador.
(BARBOSA, 2014, p. 32)

Realmente, a palavra "leitura" tem um maior dinamismo que a palavra "apreciação". A palavra "leitura" dialoga com a exploração do código linguístico. Seja verbal ou não verbal. Ou seja: leitura nos leva a explorar aquilo que está sendo lido. E dentro das Artes isso é muito importante. Mas se ler uma imagem é destrincha-la em seus mínimos detalhes, como uma língua, para compreender a mensagem ali escrita, como se ler uma imagem? .

Ler imagem faz todo sentido dentro e fora da escola. É necessário que se parta da ideia de que a arte faz parte da cultura e nós, seres humanos, somos os produtores de culturas variadas. Diferenciadas culturas nos enriquecem em conhecimentos, em possibilidades de aprendizagens, ou seja, a cultura nos transforma. E naturalmente isso se estende para a sala de aula. Afinal de contas, lidamos com diversas formas de pensar, uma vez que todos levam para a sala de aula a sua bagagem cultural. E, obviamente, ao partir da ideia que a escola é um espaço de aprendizagem, sem desconsiderar as vivências dos alunos, sem desconsiderar o que é externo à escola, compreende-se que seja natural o aluno trazer para a sala de aula seu modo de pensar, agir, suas influências do contato familiar, do contato com outras pessoas, fora do meio familiar, do contato com a comunidade na qual vive etc. Todas essas situações contribuem para a formação social, cultural e cognitiva do aluno. Uma vez que, o aluno não chega "vazio" no espaço escolar, e o professor seja o único a "preencher esse vazio". A missão do professor é bem diferente: acolher esse aluno e suas vivências e propor estímulos nos quais ele possa ter a oportunidade de atribuir significados. Desta forma, a escola integra o que é externo a ela, contribuindo para um ensino vivo.

As imagens fazem parte do nosso cotidiano e as mesmas influenciam na forma como nos relacionamos com o mundo que nos cerca. Podemos atribuir diversos significados às imagens nas quais temos contato e elas, por sua vez, também são responsáveis por influenciar como agimos, vestimos, falamos, pensamos. A percepção que o aluno tem do mundo imagético é o que dará suporte para ele compreender as imagens que ele tem contato diariamente e/ou que ele cria. Santaella sobre o que é ler uma imagem ela diz:

(...) significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade. (SANTAELLA, 2012, p. 13)

Conforme a autora, todos esses processos tem relação direta com os caminhos da arte no decorrer da história da humanidade, a imagem e sua relação com o contexto histórico, os

movimentos artísticos nos quais apontavam, de tempos e tempos, o que a arte privilegiava em termos de ideia, tema, estética, suporte, linguagem artística etc. E isso acontece até os dias de hoje: na arte contemporânea. Esta foi responsável pelas as múltiplas linguagens que surgiram, a diversificação de materiais, além dos tradicionais: como argila, lápis carvão, de cor, tinta óleo, aquarela etc., de diversos suportes, além da tela, da folha e de vários focos de arte além do local tradicionalmente utilizado para mostra de artes como o museu, por exemplo. A autora destaca que um período foi responsável por mudanças no campo da arte e, conseqüentemente, no campo da imagem, destaca que essas mudanças estão condicionadas as transformações sociais, culturais, aos avanços tecnológicos, o surgimento de novas concepções de ideias e valores etc. Enfim, nunca houve nenhum distanciamento da arte com as questões culturais.

O caminhar da arte vem conquistando novos lugares, passeando por várias técnicas, se reinventando através do uso da tecnologia, explorando diversos territórios, além de museus, casas de cultura. E diante de tudo isso vemos a multiplicidade das imagens. Vemos que as imagens estão vinculadas ao modo de agir, pensar, criar dos seres humanos. Se a imagem está imersa na cultura e esta vai se transformando a partir das novas relações seja com outras culturas, seja com as novas tecnologias, isso parece levar a conclusão que cultura e imagem se interligam. Lapolli e Vanzin nos mostram, claramente, sobre a ligação das palavras imagem e cultura:

A cultura media a maneira de criar e interpretar as imagens visuais e, por outro lado, estas passam a construir e alimentar a cultura. Neste sentido, Mitchell (2003) diz que a cultura visual supõe que a visão é uma construção cultural a ser aprendida e cultivada, não simplesmente oferecida pela natureza, tendo uma história relacionada à história das artes, das tecnologias, das mídias e das práticas sociais de representação e recepção. (LAPOLLI; VANZIN, 2016, p.19).

Sendo assim, a construção de diversas imagens tem estreita relação com a cultura. Que, por sua vez, está inserido o aluno. Bernard Darras (2009) fala algo interessante em seu artigo a respeito de como a cultura se relaciona com os espaços museológicos. Ele relata:

(...) enfim eu lhe falei sobre a cultura artística que durante muito tempo privilegiou as coisas extraordinárias destinada à pessoas mais afortunadas, mas que sempre deixou de lado as pequenas coisas, as coisas modestas, humildes e comuns. Pequenas coisas que podem ser valorizadas por artistas que sabem chamar a nossa atenção sobre elas e sobre a sua própria capacidade de valorizá-las. Perguntei a Quentin o que ele pensava da coleção de objetos apresentados por Hervé Di Rosa e Bernard Belluc nos espaços e vitrines do museu. Ele respondeu - me que era sensacional e que pela primeira vez ele visitava um museu que se preocupava com o seu mundo,

com os objetos preciosos, seus tesouros, seus brinquedos, seus gostos, e com os objetos de seus desejos. Ele me fez entrar de novo no espaço dos brinquedos e maquetes de ficção científica. Conhecia todos os objetos e os denominou com termos que para mim desconhecidos. Descrevia com precisão suas histórias, seus estilos e qualidades. (...). Com seu vocabulário de adolescente, ele avaliava, comparava, julgava, apreciava, admirava e sonhava. (...). Quando eu lhe perguntei se para ele aquilo era arte, ele sorriu, e me respondeu: " para o museu isto é arte modesta, mas para mim é a minha cultura". (DARRAS, 2009, p.24).

No relato de Darras (2009) percebe-se que, seja qualquer espaço destinado para a arte, deve encontrar uma conexão entre a obra de arte e o espectador. E isso se faz através dos elementos culturais nos quais são traduzidos nos traços do espectador. Seu modo de agir, pensar, refletir, atribuir significado, interagir e incorporar. Portanto, o mundo imagético se constrói a partir das relações humanas com a ciência, a tecnologia, o meio social no qual o indivíduo está inserido, sua relação com o outro, as influências que recebe de outros países. Enfim, o mundo imagético vai se construindo e formando a cultura. Ou seja, não há neutralidade nas imagens.

A imagem e a cultura caminham juntas, ou melhor: as artes visuais fazem parte da cultura, o que ocorreu na narração de Darras (2009), sobre a visita de um adolescente ao um museu no qual ele se identificou com as obras, como está na narração acima. A mesma sensação ocorre quando o aluno ver seu dia a dia sendo trabalhado em sala de aula. E a partir daí ele atribui sentidos de acordo com sua bagagem cultural, que pode ter um olhar diferente do colega de sala da aula. Mas o importante que esses diferentes olhares sejam respeitados entre eles e que a empatia prevaleça.

2.1 Cultura e Cultura Visual

O que entendemos por cultura? Por que ressaltamos que ela tem estreita relação com a arte? E o que é cultura visual? E o porquê todos esses conceitos estão associados à leitura de imagem?

Bom, ao falar de arte não se pode deixar de falar de cultura. Para simplificar poderíamos definir cultura como costumes, valores, forma de pensar de uma sociedade. José Luiz dos Santos, em seu livro "O que é cultura" apresenta duas concepções de cultura. Ele diz:

A primeira dessas concepções preocupa - se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade. (...)

Mas eu disse que havia duas concepções básicas de cultura. Vamos à segunda. Neste caso, quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. (SANTOS, 2007 p.24-25).

Essas duas concepções de cultura, que Santos (2007) nos apresenta, se complementam. A cultura é tudo que caracteriza a existência social de um povo. E essa dimensão social está ligada ao conhecimento, ideias, crenças, produções artísticas, modo de produção, valores comportamentais, leis, modo de se vestir etc. Ou seja: a cultura abrange uma gama de características, realizadas socialmente, que possibilitam ao entendimento que cultura está intimamente ligada a um grupo social que pode ser uma tribo, um pequeno grupo de pessoas, até grandes civilizações. Além disso, quando se trata de grandes civilizações nos deparamos com a complexidade da cultura, uma vez que esta se multiplica em culturas formada dentro de cada sociedade.

Por exemplo, o Brasil é uma nação na qual possui uma riqueza cultural estrondosa. E por seu espaço físico, de amplos territórios, pela a colonização sofrida de outras nações, estas que impuseram suas culturas aqui e as trocas de conhecimentos transformaram o Brasil em um país multicultural. Podemos ver traços culturais diferentes entre cada região brasileira e em cada estado brasileiro. Santos (2007) diz:

Essa dimensão é a do conhecimento num sentido ampliado, é todo conhecimento que uma sociedade tem sobre si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre a própria existência. Cultura inclui ainda as maneiras como esse conhecimento é expresso por uma sociedade, como é o caso de sua arte, religião, esportes e jogos, tecnologia, ciência, política. O estudo da cultura assim compreendida volta - se para as maneiras pelas as quais a realidade que se conhece é codificada por uma sociedade, através de palavras, ideias, doutrinas, teorias, práticas costumeiras e rituais. (SANTOS, 2007 p.41)

Assim, percebemos que a cultura apresenta o seu povo, sua nação e mostra todas características, a forma como que esse povo e/ou nação se comporta e como atribui significados a diversos símbolos. E a arte não se distancia dessa apresentação, pelo contrário, ela faz parte dessa apresentação cultural. A arte é uma das responsáveis por materializar a cultura de um povo, atribuindo-lhe significados. Esses significados são representados pelas linguagens artísticas. Gombrich (2008), em seu livro "A História da Arte" procura apresentar dois conceitos a respeito da arte que nos leva refletir da conexão de arte e cultura. Ele diz:

Se aceitarmos que arte significa o exercício de atividades tais como a edificação de templos e casas, a realização de pinturas e esculturas ou a tessitura de padrões, nenhum povo existe no mundo sem arte. Se, por outro lado, entendermos por arte alguma espécie de belo artigo de luxo, algo para nos deleitar em museus e exposições, ou uma coisa muito especial para usar como preciosa decoração na sala de honra, cumpre - nos reconhecer que esse uso da palavra constitui um desenvolvimento bem recente e que muitos dos maiores construtores, pintores ou escultores do passado sequer sonharam com ele (GOMBRICH, 2008, p.39)

Nota-se que Gombrich (2008) coloca a arte em duas situações e que a primeira nos parece mais se relacionar com a cultura. Ou seja, os processos artísticos desde a pré-história sempre tiveram uma função, uma finalidade, partindo do primeiro conceito no qual o autor apresenta a arte. Mesmo que a ideia de "obra de arte" não fosse algo familiar nos tempos antigos, o que hoje entendemos por "obra de arte" é fato que ela acompanhou a humanidade desde tempos remotos. Gombrich ainda ressalta:

Podemos compreender melhor essa diferença se pensarmos em termos de arquitetura. Todos sabemos que existem belos edifícios e que alguns deles são verdadeiras obras de arte. Mas dificilmente existirá uma construção no mundo inteiro que não tenha sido erigida para uma finalidade específica. Aqueles que usam esses edifícios como lugares de culto ou de entretenimento, ou como residências, julgam-nos, em primeiro lugar e acima de tudo, por padrões de utilidade. Mas desprezando esse critério, poderão gostar ou não do traçado ou das proporções da construção, e apreciar os esforços do bom arquiteto para realizá-la não só prática, mas também "certa". No passado, a atitude em relação à pintura e às estátuas eram em geral semelhantes. Não as consideravam meras obras de arte mas objeto que tinham uma função definida. (GOMBRICH, 2008, p.39)

Seria muito difícil falar de cultura sem falar de arte, como, também, seria difícil falar de arte sem falar de cultura. As duas foram se construindo juntas. A criação de símbolos, a criação de modos de convivência, a relação com a natureza, a relação com o místico, o processo de entender a si e seu lugar no mundo foram sendo materializados. E a arte foi a responsável por isso. Mesmo que há séculos atrás não houvesse essa concepção de arte. Porém, de qualquer forma, a humanidade precisou materializar o que sentia. Seja através de pinturas em paredes da caverna, seja para cultuar uma divindade, entre outras coisas. E o resultado disso tudo é o que concebemos como arte. Mesmo que esta tenha tido diversas funções, mesmo que, dentro do espaço contemporâneo, a arte esteja se transformando. Seja em qualquer momento da história da humanidade, a arte sempre foi reflexo do contexto histórico. E dentro do espaço escolar é imprescindível que o conhecimento em arte leve em consideração a formação cultural do aluno. Portanto, o

professor, ao negar alguns tipos de arte ou ressaltar só algumas faz com que se entre em um processo de limitações. Se limitarmos ou ressaltarmos só um tipo de arte, no ensino, estamos limitando os alunos a só conhecerem "algumas artes". Ana Mae Barbosa¹ é enfática ao ressaltar sobre esta questão. Ela diz:

Você não pode falar de arte sem falar da cultura que produziu essa arte. E você não pode ter educação sem fazer emergir a cultura, sem trabalhar criticamente a cultura que você está imerso. E também você não pode ter educação sem arte (...) .A interculturalidade vai mais além, eu tenho a minha cultura mas eu posso almejar trabalhar com a sua cultura. É essa interrelação de culturas que vai criar novos horizontes para juventude (...)
[BARBOSA, 2018, não paginado].

Por isso, anteriormente, foi usado a expressão "algumas artes". Ou seja: no processo ensino-aprendizagem, o professor precisa ter consciência da dimensão cultural no dia a dia da sala de aula. Não privar e sim oferecer possibilidades para os alunos criar novos horizontes. Novos significados. Ana Mae¹ também acrescenta:

(...) Um professor de arte, por exemplo, digamos que ele vai trabalhar cinco obras de arte em um semestre com os alunos. Se ele dar só obras de arte europeia, ele está dizendo que só os europeus sabem fazer boa arte. Ele vai ter que mostrar um artista brasileiro (...) Por que não um trabalho de cerâmica Marajoara, no caso do Brasil!? Uma produção afro brasileira e uma produção também japonesa. Que é tão importante, por exemplo, em uma cidade de São Paulo a cultura japonesa (...) (BARBOSA, 2018, s.p.).

Ana Mae nos traz exemplos de diversificação no conteúdo de arte. E, ao mesmo tempo, nos leva a refletir sobre o que trazer para as aulas de arte, considerando os aspectos culturais e interculturais, considerando o contexto histórico e ressaltando a importância da ampliação do leque de possibilidades de vários tipos de obras de artes a serem trabalhadas com os alunos.

Esse é o caminho para o qual o professor precisa seguir para trabalhar a leitura de imagem. Portanto, a arte não pode desconsiderar as vivências dos alunos, o cotidiano e nem negar a cultura. A arte não é algo mecânico, no qual só se aprende a fazer técnicas de arte. Esse tipo de concepção não faz mais sentido. A arte tem outros papéis além de apresentar técnicas, "receitas prontas". A arte precisa ter sentido para o aluno. E por todas pesquisas já realizadas, para o ensino de arte e a aprendizagem em arte, que percebemos os novos caminhos que percorre a arte no processo de ensino-aprendizagem. Ana Mae ressalta:

¹ Seminário Arte, Cultura e Educação na América Latina 2018

Nossa concepção de história da arte não é linear, mas pretende contextualizar a obra de arte no tempo e explorar suas circunstâncias. Em lugar de estarmos preocupados em mostrar a chamada "evolução" das formas artísticas através do tempo, pretendemos mostrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal. (BARBOSA, 2014, p. 20)

Assim sendo, umas das questões que envolve o ensino de arte é a leitura de imagem no contexto escolar, uma vez que as imagens são parte do cotidiano e nos relacionamos com elas diariamente, e, ao trazer para a sala de aula a obra lida cria sentidos atribuídos pelos os alunos no espaço escolar. Eles transformam sua ideias, a partir da leitura, em criações artísticas. Rossi (2009, p. 9) diz:

Quanto à imagem da arte, é desnecessário falar da importância e do papel que ela vem assumindo no ensino contemporâneo. Após décadas de ausência na escola, a imagem retorna para ocupar um lugar central nas aulas de arte. Já é consenso a ideia de que todo o aluno deve ter a oportunidade de interpretar os símbolos da arte, pois a dimensão estética é constitutiva do potencial humano. Então, a cultura vivida pelo aluno se caracteriza pela saturação de imagens, e a maioria das informações que ele recebe chega através delas.

A arte não é uma "ilha", na qual devemos desconsiderar questões importantes que fazem parte da sociedade: as questões culturais, políticas, sociais etc. E, principalmente, ela não deve se distanciar do universo do discente. Esse não é o papel da arte. Ana Mae diz:

Apesar de ser um produto da fantasia e imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Ideias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar, e não existe visão desinfluciada e isolada. Construimos a história a partir de cada obra de arte examinada pelas as crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais. (BARBOSA, 2014, p. 20)

Lapolli e Vanzin (2016, p. XX) falam que "o mundo está cada vez mais centralizado no olhar, que pousa sobre as imagens disseminadas nas ruas, nas vestimentas, nas instituições, nos museus, nos livros e nos diversos meios de comunicação. Essas imagens são polissêmicas, uma vez que são formadas por múltiplas linguagens e possuem uma multiplicidade de sentidos." E a capacidade de assimilação, imaginação e atração de significados é algo individual, então ler imagem é ao mesmo tempo objetivo e subjetivo. E a subjetividade está presente nas experiências visuais e como construímos significados sobre as mesmas.

A era da visualidade nos presenteia com imagens em toda a parte e elas andam paralelamente com as transformações sociais, tecnológicas e interações com outras culturas. Rossi (2009, p.9) diz:

(...) as crianças, desde cedo, aprendem a interagir com elas através de comandos nos videogames e computadores e aprendem a produzir e consumir imagens de toda ordem. Na publicidade contemporânea, a imagem é presença obrigatória (...). Na publicidade, as imagens sugerem o que devemos fazer, do que devemos necessitar, o que devemos valorizar ou desejar. Moldam pensamentos e comportamentos. Por isso Kellner (1995) defende uma pedagogia crítica capaz de analisar tais imagens - textos culturais com "uma riqueza de sentidos que exige um processo sofisticado de decodificação e interpretação" (p.112). A leitura dessas imagens é um meio para a conscientização de que somos os destinatários de mensagens que pretendem impor valores, ideias e comportamentos que não escolhemos.

E é nesse contexto, de imagens, que entramos no território da cultura visual. Maíra Geraldo Figueiredo, em seu trabalho de conclusão de curso, ao falar sobre a cultura visual relata sua experiência com alunos em seu estágio:

Nem todas as aulas observadas foram tão produtivas ou merecem atenção especial, mas, ao reler meu relatório de estágio, percebo a recorrência de anotações a respeito de discussões entre os educandos, com poucas intervenções da educadora, e como eles buscavam entender e explicar imagens, termos e conceitos a partir de sua experiência pessoal e, notavelmente, extraescolar. Os estudantes utilizavam - se dessas experiências para construir argumentos acerca de temas complexos, recorrendo, especialmente a filmes, propagandas, desenhos animados, músicas e até mesmo comida. Em minha conclusão para o relatório de Estágio, interroguei - me se não haveria maneira mais interessante de aproveitar todo esse conhecimento e direcioná - lo para uma aula de artes mais dinâmica e a par do mundo em que aqueles adolescentes viviam. Foi então que tive contato formalmente com o termo "cultura visual" (...) (FIGUEIREDO, 2013, p.4)

O relato de Figueiredo (2013) nos mostra como a cultura visual é um campo de estudo que nos apresenta as diferentes maneiras que nos relacionamos com a imagem e a sua forte influência no cotidiano das pessoas. Neste caso, especificamente, no cotidiano do aluno. E fazendo parte de sua vivência é notável a importância de se trabalhar a cultura visual em sala de aula. A forte presença da cultura visual, por meio de novelas, filmes, internet ou outro meio imagético mostra que a cultura passeia por vários meios visuais e que ela vai se ampliando e se disseminando na medida em que se multiplicam os estímulos visuais. A visualidade nos espaços urbanos, por exemplo, possuem imagens dos banners, dos letreiros de lojas, da paisagem etc. Tudo isso se relaciona com a cultura que lhe dar sentidos. Ou seja,

elas são criadas, lhe são atribuídas sentidos porque estão relacionadas ao modo de agir e pensar do ser humano.

Esse processo cultural no qual encontramos costumes, hábitos, padrões, tecnologias visuais etc. são incorporados à cultura visual. Sendo assim, é necessário pensar na inserção desse tema ao currículo de arte. Kerry Freedman, ao falar de currículo e cultura visual ela diz:

Referências à arte no currículo vêm de uma série de lugares, de dentro e de fora da escola (não só da comunidade profissional da disciplina). Essas referências externas fragmentadas podem ser mais importante para a compreensão que o aluno tem da matéria que currículos sequenciais escritos, com base na noção interna da lógica. Como resultado, as relações entre imagens e suas interligações interdisciplinares, incluindo as condições sociopolíticas sob as quais são produzidas e vistas, são vitais para o entendimento da arte e de outras formas de cultura visual (...)

Um aspecto importante da apropriação da cultura visual em educação refere - se à integração intergráfica que ocorre na mente das pessoas quando encontram imagens. Pode - se dizer que essa integração dá - se no espaço entre imagens de forma similar ao que os teóricos da literatura chamaram de intertextualidade, que envolve as referências feitas pelo leitor a outros textos quando lendo um novo texto. As pessoas são capazes de se lembrar e de integrar uma ampla gama de imagens e de significados a elas associados. A produção artística dos alunos é uma ilustração visual dessa integração conceitual. (FREEDMAN, 2010, p.138 e 139)

Podemos complementar Freedman (2010) com o que Lapolli e Vanzin (2016) dizem a seguir:

Numa era em que as pessoas estão cada vez mais expostas a uma série de meios imagéticos como jornais, revistas, livros, televisão, cinema, computadores, telefones móveis, tablets etc., compreender e explorar as relações imagéticas contribui para uma leitura mais atenta e apurada. Para que esta leitura seja aprendida, exige-se dos indivíduos um repertório de conhecimentos. Destarte, a familiaridade e a compreensão mais profunda dos elementos visuais de uma composição imagética dependerão das experiências e saberes adquiridos por aqueles que a veem.

Portanto, é necessário se pensar em uma composição curricular que transcenda o que o aluno aprende só "dentro da escola" e que possibilite que o discente leve suas experiências visuais de "fora da escola". Ou seja, daquilo que é externo à escola.

2.2 A leitura de imagem: Desvendando o seu universo

Anteriormente falamos um pouco de leitura de imagem, arte, cultura, cultura visual no contexto da arte/educação e como elas se relacionam entre si. Mostrando, ainda, como a imagem sempre acompanhou a humanidade desde os primórdios. E, atualmente, ela cada vez mais está sendo explorada.

As imagens requerem uma compreensão da nossa parte. Ou seja: temos a mensagem (código linguístico), que pode ser verbal, não verbal ou mista, e os interlocutores. Que são os que participam do processo de interação por meio da linguagem. Cereja e Magalhães definem bem a questão da interlocução:

Aquele que produz a linguagem - isto é, que fala, que pinta, que compõe uma música, que dança - é chamado de locutor, e aquele que recebe a linguagem é chamado de locutário. No processo de comunicação e interação, locutor e locutário são interlocutores. (CEREJA e MAGALHÃES, 2008, p.14)

Para que isso ocorra é necessário que o locutário consiga compreender a mensagem. E essa mesma dinâmica ocorre com um texto visual. As obras de arte como as pinturas, por exemplo, precisam ser lidas. Da mesma forma que ensinamos a língua: suas características e regras, para compreensão do que foi falado e/ou escrito, não é diferente quando educamos o olhar do aluno para uma imagem. E para a educação do olhar dos discentes é necessário que o professor busque meios que, no processo ensino-aprendizagem, o aluno seja capaz de ler e interpretar uma imagem, uma obra de arte. E, quando o aluno aprende a ler uma obra, as possibilidades de atividades e criações se tornam infinitas.

Santaella (2012) questiona a forma como o verbo "ler" é sempre associado ao ator de decodificação das palavras, ou seja, ler textos. E afirma que esse verbo tem mais funções do que parece. Para ela, o ato de ler não se restringe a leitura de palavras e sim a leitura de imagem. Imagem também se ler. A autora argumenta:

Mais do que isso, incluo nesse grupo o leitor da variedades de sinais e signos de que as cidades contemporâneas estão repletas: os sinais de trânsito, as luzes dos semáforos, as placas de orientação, os nomes das ruas, as placas dos estabelecimentos comerciais etc. Vou ainda mais longe e também chamo de leitor o espectador de cinema, TV e vídeo. Diante disso, não poderia ficar de fora o leitor que viaja pela a internet, povoada de imagens, sinais, mapas, rotas, luzes, pistas, palavras e textos. (SANTAELLA, 2012, p. 10)

Partindo dessa perspectiva, e dentre seus diversos exemplos, ela nos fala sobre o espectador de cinema, o que acessa a internet repleta de imagens. E isso já confere ao ato de ler imagens um exercício bem dinâmico. Santaella cita cinco domínios da imagem. Entretanto, vou me concentrar no que ela diz a respeito das imagens que estão no campo da visualidade que se refere ao desenho, pinturas, imagens televisivas, por exemplo. Assim, nos interessa aqui as imagens produzidas e criadas pelo os seres humanos: as representações visuais construídas pelo o ser humano dentro do contexto em que vive. Santaella (2012) no diz a respeito das imagens produzidas pelo o ser humano:

As imagens são chamadas de "representações" porque são criadas e produzidas pelos os seres humanos nas sociedades em que vivem. É claro que elas são também imagens percebidas, mas distinguem - se daquelas que dominamos perceptivas porque, neste caso, é a nossa percepção que faz o mundo visível naturalmente aparecer a nós como imagem, enquanto as representações visuais são artificialmente criadas necessitando para isso da mediação de habilidades, instrumentos, suportes, técnicas e mesmo tecnologias. (Op. Cit., p. 18)

As imagens socialmente construídas fazem parte de um contexto histórico e cultural. Lapolli e Vanzin (2016) ao falarem do objeto visual, nos mostram que este não pode se manter isolado de seu contexto, uma vez que este envolve formas de ser, olhar e experiência dentro de diversas subjetividades. Segundo Català (2011 *apud* LAPOLLI; VANZIN, 2016, p.19) “perceber, ser receptor ou usuário de uma imagem, significa, em primeiro lugar, iniciar um jogo entre a identidade social e a identidade individual”.

Os vários tipos de imagens podem sugerir imposição, valores, ideias e comportamentos que não escolhemos. Não somente imagens publicitárias. Somos influenciados pelo campo visual, no qual temos constante contato e esses vários apelos visuais, que não só impõem e sim intervêm de modo que nos ajudam a compreender o cotidiano, formulando ideias sobre lugares, acontecimentos, culturas. E todos os tipos de imagens são uma maneira de interpretação do mundo, no qual atribuímos significados, e não, necessariamente, temos a "obrigação" de seguir imposições através do campo visual. Mesmo que de forma implícita seja essa a intenção

Santaella (2012, p.33-34) ressaltou a relevância da pintura dentro da leitura de imagem. Ela diz:

(...) quando falamos em arte no Ocidente, temos que considerar que, ao contrário do que muitos pensam, ela não mais se limita à pintura, muito menos ao modelo pictórico renascentista. Com isso não se quer minimizar a importância da pintura e sua permanência viva até hoje. Trata - se apenas de lembrar que ela não é mais um forma quase exclusiva de arte visual, como

foi durante alguns séculos. Mesmo não sendo exclusiva, ela não perdeu sua relevância em muitos aspectos, entre eles, o de sua constituição como território privilegiado para a aprendizagem da leitura de imagem.

Santaella (2012) nos mostra que por mais que sejamos bombardeados cotidianamente por diversos tipos de imagens (publicitária, fotográfica etc) nas quais fazem parte da cultura visual, do universo do aluno, ela destaca que a pintura ainda tem seu lugar privilegiado quando se trata da leitura de imagem nas escolas. O trabalho de arte nas escolas ainda é muito voltado especialmente, quando há, para a leitura de pinturas, esquece-se de inúmeras possibilidades de leituras variadas presentes no cotidiano.

Mas, afinal, como o professor pode contribuir nesse processo de leitura de imagem pelo o aluno?

Essa questão poderia ser respondida a partir dos estudos de Ana Mae Barbosa que usa a abordagem triangular como base teórica para o estudo de imagens. São eles: leitura da obra de arte, fazer artístico e contextualização. Neste caso, Ana Mae Barbosa ressalta o quanto o processo leitura de imagens, fazer artístico e contextualização, dentro do ensino em arte, precisam ser interligados:

A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca. (...)

Preparando - se para o entendimento das artes visuais se prepara para o entendimento da imagem quer seja arte ou não.

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a análise da obra de arte e a contextualização estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura. (BARBOSA, 2014, p. 35 e 36)

É um processo que requer tanto por parte dos alunos quanto do professor um equilíbrio. Uma vez que, tanto o professor e o aluno podem ter uma bagagem cultural distintas, e esta influencia no modo como ambos vejam aquele objeto de conhecimento.

Rossi (2009), sobre a leitura de imagem destacou algo importantíssimo: não nos limitarmos somente ao aspecto formal da imagem como linha, cor, forma etc. é necessário expandir esse processo para o campo das ideias, no qual o aluno possa se expressar. Dessa maneira ela apresenta algumas perguntas para que o professor faça reflexões no modo que irá trabalhar a leitura de imagem com o aluno. São elas:

O que o aluno vê numa imagem? O que enfatiza quando analisa uma imagem? Como ele a interpreta? Que perguntas faz frente à imagem? O que diferencia a leitura de cada aluno? Quais são os pressupostos que o aluno traz? Como é, realmente, a leitura do aluno no contexto brasileiro? Pode -se impor uma leitura? (ROSSI,2009, p.11)

. Maria Helena Wagner Rossi (2009) complementa as questões, mencionadas, anteriormente, convidando novamente o professor a refletir, sem esquecer de fazê-lo pensar na qualidade do ensino de arte no Brasil. Rossi apresenta as seguintes questões:

Estamos abordando a imagem de forma adequada na escola? Estamos respeitando o modo de construção do conhecimento da arte, pelo aluno, através da leitura? Estamos usando estratégias adequadas para promover a alfabetização estética? Conhecemos as possibilidades das leituras que propomos na sala de aula? Conhecemos as limitações das leituras que propomos? Que tipos de leitura devemos - e podemos - proporcionar ao aluno, nos diferentes níveis e contextos da escolarização? (ROSSI,2009, p.12)

Partindo dessas reflexões, que Rossi (2009) nos apresenta, e a colocação de Barbosa (2014), da importância do processo "leitura - contextualização - fazer artístico", valorizando os três processos, podemos concluir que o processo de leitura de imagem precisa partir de questionamentos do professor sobre como ele irá promover a leitura de imagem e não irá desconsiderar nenhum desses processos em sala de aula: leitura, contextualização e fazer artístico. Portanto, a construção do conhecimento do aluno é produzida a partir das características culturais que o aluno está imerso. E essa deve ser sempre considerada pelo o professor ao trabalhar a leitura de imagem, em sala de aula, para a construção do conhecimento em arte.

3 RECURSO DIDÁTICO: A PONTE ENTRE O CONHECIMENTO EM ARTE E O ALUNO

Com o quê podemos facilitar a interação entre os discentes e o conhecimento? É uma questão que pode ser pensada a partir de diversas perspectivas e nos faz direcionar as nossas atenções para as possibilidades dos recursos didáticos.

Os recursos didáticos podem se tornar algo muito importante nesse percurso em direção ao conhecimento em Arte. Preparar aulas nas quais os alunos possam abrir seus horizontes, sem se limitar à um determinado tipo de arte, nos faz refletir com o quê seria possível mostrar aos alunos diferentes artes dentro de um contexto de sala de aula. Muitas vezes somos limitados a trabalhar com poucos recursos com os alunos. Ao mesmo tempo, temos que "competir" com as diversas imagens que o educando tem acesso. Desta forma, esta pesquisa propõe um trabalho que envolva uma dinâmica de movimento com as imagens que precisam ser trabalhadas em conteúdos de sala de aula, e relações com imagens do cotidiano dos alunos. A intenção é buscar modos de despertar interesses, as percepções dos detalhes e planos em pinturas figurativas, de autores conhecidos ou não, populares, nacionais ou internacionais.

A exposição² feita no Museu de Belas Artes, na qual as obras de arte ganharam uma nova configuração ao utilizar *#hashtags* nas pinturas é um exemplo de recurso utilizado institucionalmente para atrair o público jovem para o museu. Seus organizadores tiveram uma ideia interessante, extraindo do dia a dia dos alunos comportamentos que os mesmos têm em redes sociais. O professor, em sala de aula, pode buscar nos interesses dos alunos a viabilidade para aulas que despertem maior atenção e colaborem para entendimentos de significados do material a ser trabalhado.

Como atrair o olhar dos alunos a pinturas renascentistas, barrocas, expressionistas? Ou da arte popular, de uma região do Brasil, de um artista do seu bairro, de modo que ele queira conhecer além das imagens que estão disponíveis diariamente em seu cotidiano?

Por isso a necessidade de um produto educacional que atendesse a essa dificuldade e fosse interessante para a apresentação destas obras em sala de aula: Os livros Pop up.

² Exposição "Hashtags da Arte" realizada no Museu Nacional de Belas Artes em 2019.

4 LEITURA DE PINTURAS FIGURATIVAS. E OS LIVROS POP UP, ONDE ENTRAM NISSO?

É possível ler uma obra através de livros pop up? Será que esse tipo de recurso didático ajudaria o professor de arte a apresentar pinturas figurativas para seus alunos? Essas são questões importantes, pois a interpretação, seja ela escrita ou visual, que dará possibilidade ao educando a construir conhecimento. Ela dá bases para o aluno contextualizar, criar, relacionar o conhecimento, e para atingir esses objetivos esta pesquisa propõe a ideia de que os livros pop up poderão ser uma alternativa eficaz na contribuição da leitura de imagem.

Os livros pop up há anos têm conquistado o seu espaço e despertado um grande interesse não só do público infantil e juvenil, mas também do público adulto. A maneira como esse tipo de livro se comporta, com a ideia de “saltar da página a imagem”, sugere uma interação entre o livro e o leitor. Este que olha detalhadamente e deslumbrado com o resultado visual proporcionado pelos os livros. Assad, em seu trabalho de conclusão de curso nos traz uma informação interessante de suas pesquisas sobre os livros pop up. Segundo Avella (2006, apud ASSAD, 2018, p.08) "Uma pesquisa realizada em Amsterdã apontou que os leitores conseguem reter 75% mais informações quando dispostas em livros pop up se comparadas àquelas lidas em livros convencionais."

Possivelmente, a pesquisa se referiu à leitura convencional (leitura de textos), porém, isso não anula o impacto visual que esses livros possuem. Mesmo que a ideia em questão seja a leitura de imagem, mais especificamente a leitura de pinturas figurativas, os livros pop up atraem a atenção do leitor pelo modo como criam uma movimentação visualmente e física nos papéis da imagem proposta. Então seria possível o leitor reter, ler e contextualizar informações a partir de pinturas figurativas na forma de livros pop up?

Tudo indica que sim. Se a pesquisa mencionada por Assad (2018), comprovou que os leitores assimilam melhor as informações com livros pop up, estes que são compostos, em sua maioria, de texto e ilustração, isto se aplicaria, também, aos livros pop up feitos de pinturas figurativas. As pesquisas a respeito do sucesso do uso desse formato de livros são bastante incipientes. No entanto, trabalha-se aqui com a proposta de que pode ser um recurso mais explorado, e por que não, bem mais pesquisado quanto a sua eficiência. O leitor pode ser, por exemplo, levado a observar com detalhes, a obra "Roda" de Milton Dacosta em formato *pop up*, o "Abaporu" da Tarsila do Amaral entre outros, por exemplo. Só observando seus

elementos “saltando da página”, a composição ganha formas que a aproximam de uma transformação a três dimensões. O livro pop up convida o leitor, enviando-o para um novo universo de leitura, no qual ele possa observar atentamente as reproduções de obras de arte, nesse formato.

Quando partimos de uma proposta pedagógica bem estruturada, em sala de aula, podemos contribuir para que o educando consiga desenvolver suas potencialidades essenciais para o pensamento criativo. Portanto, a sala de aula se transforma em um espaço de construção do conhecimento e criação. E, nessa perspectiva, este produto educacional foi elaborado de modo a propor a viabilidade de sua aplicação em sala de aula, mesmo com possíveis limitações que possam ocorrer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável o vínculo artístico e cultural. A tecnologia, por exemplo, é um fator que nos faz repensar o quanto as mudanças no mundo ocorrem de forma acelerada. Precisando se reinventar. Por exemplo: os alunos têm acesso a muito mais modelos de recursos tecnológicos, mas que outros recursos visuais podem fazer sentido e trazer novas perspectivas de percepção concomitantemente.

E é dentro desse contexto que a arte atua, permitindo-nos a entender todas as transformações que acontecem em nossa volta e encontrar um sentido para essas transformações. Reafirmando que o lugar da arte é caminhar com a vida, em um mundo com intensas transformações, que nos permite dar novos significados com diferentes maneiras de ver e interpretá-lo.

No decorrer desse trabalho, dialogando com os autores, em nenhum momento foi visto uma discordância, entre eles em relação a arte ter estreita relação com a cultura. A construção cultural se reflete na arte e esta vai se transformando, se adequando as novas mudanças culturais. E a educação em arte? Bom, o educador precisa de uma aula "viva", que acompanha essas transformações e que respeite e insira as experiências do discente, no espaço escolar. O resgate da história da arte de modo contextualizado, somado à apresentação de obras artísticas de diversos períodos, colaboram para que os alunos possam ter a oportunidade de conhecer e construir o conhecimento em artes, a partir de suas experiências. Dá a esse aluno a oportunidade de dialogar com o que é aprendido dentro e fora da escola. Apesar da constatação da pouca quantidade de pesquisas a respeito da criação e eficiência de aprendizagens a partir de livros *pop up*, o recurso vem a ser mais uma possibilidade de trabalho dinâmico, de criação manual e que permite a exploração de vários planos de percepção imagética. O produto educacional, apresentado neste trabalho, é apresentado como material potencial, que pode contribuir nas aulas de arte preparadas pelos professores, para a leitura de obras figurativas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Clarissa Martins de, AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. **Abordagem Triangular: leitura de imagens de diferentes códigos estéticos e culturais**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 345-358, dez. 2015.
- ASSAD, Daiadara Anis Ferrarini. **Pop -Up-Pédia: Um livro Pop -Up sobre Pop - Up**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Design Gráfico) - Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte - Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BERNARD, Darras. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. *In*: BARBOSA, Ana Mae, COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 23-52
- CEREJA, William Roberto, MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática: texto, reflexão e uso**. São Paulo: Editora Atual, 2008.
- FREEDMAN, Kerry. **Currículo dentro e fora da escola: representações da arte na Cultura Visual**. *In*: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 138 e 139.
- FIGUEIREDO, Maíra Geraldo. **A imagem, o ensino e o currículo: um estudo sobre o currículo da rede pública do Distrito Federal para o ensino fundamental - anos finais, pela perspectiva da cultura visual**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Plásticas) - Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- LAPOLLI, Mariana, VANZIN, Tarcísio. **Infografia na era da cultura visual**. Florianópolis: Pandion, 2016.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: leitura da arte na escola.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2009. 4º Edição.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens: como eu ensino.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura: coleção primeiros passos.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

A LEITURA DE PINTURAS
FIGURATIVAS ATRAVÉS DE
LIVROS POP UP: UM RECURSO
DIDÁTICO PARA O
PROFESSOR DE ARTE

Débora Evelyn Souza de Oliveira



RIO DE JANEIRO
2020





SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	4
2 LIVRO POP UP: UMA INTRODUÇÃO.....	7
3 POR QUÊ O LIVRO POP UP?.....	9
4 TÉCNICAS SIMPLES: UM COMEÇO.....	14
5 MATERIAIS.....	14
6 TÉCNICA 1.....	15
6.1 Exemplo 1.....	17
6.2 Exemplo 2.....	19
7 TÉCNICA 2.....	20
7.1 Exemplo.....	22
8 POSSIBILIDADES!.....	25
REFERÊNCIAS USADAS NO PRODUTO EDUCACIONAL.....	27



LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Livro: Alice no País das Maravilhas. Robert Sabuda,2010.....	7
Imagem 2 - Turma Da Mônica: brincando de folclore. Maurício de Sousa,2012.....	7
Imagem 3 - Alice no País das Maravilhas. Robert Sabuda,2010.....	10
Imagem 4- Imagem criada pela autora, adaptado de Birmingham, 2006.....	15
Imagem 5 - Imagem criada pela autora, adaptado de Birmingham, 2006.....	15
Imagem 6- Imagem criada pela autora, adaptado de Birmingham, 2006.....	17
Imagem 7- Menina e Bicicleta. Milton Dacosta,1965.....	17
Imagem 8 - Confecção da pintura "Menina e Bicicleta", em pop up, pela a autora.....	18
Imagem 9 - Roda. Milton Dacosta, 1942.....	19
Imagem 10- Confecção da pintura "Roda", em pop up, pela a autora.....	19
Imagem 11- Representação da dobra em V.....	20
Imagem 12- Birmingham, 2006.	21
Imagem 13- O Violeiro. Almeida Júnior, 1899	22
Imagem 14- Etapas da confecção da pintura "O Violeiro", em pop up, pela a autora.....	22
Imagem 15- Resultado da confecção da pintura "O Violeiro", em pop up, pela a autora.....	24





RESUMO

O presente produto educacional tem por objetivo propor um recurso que possibilite e estimule a leitura de imagem. O produto, aqui elaborado trata-se de uma produção de um livro Pop Up, para auxiliar o professor de arte a trabalhar a leitura de pinturas figurativas, com alunos do 6º ano do fundamental II.

Palavras-chave: Produto Educacional. Livro Pop up. Leitura de imagem.



1 APRESENTAÇÃO

Um dos maiores desafios do professor é buscar maneiras que o ajude a mediar o conhecimento em artes. Um desafio que, atualmente, torna-se cada vez mais difícil, uma vez que temos que "competir" com diversas tecnologias que atraem os alunos para outras coisas que eles julgam mais importantes e interessantes. Isso não significa que ser inimiga da tecnologia e que o aluno não tenha acesso a ela. Pelo contrário, as novas tecnologias devem ser trabalhadas em sala de aula. Se partirmos da ideia que o dia a dia do aluno, suas experiências, costumes devem estar presentes em sala de aula, seria um tanto contraditório seguir uma linha de privação da tecnologia para aluno. A preocupação está exatamente associada ao acervo cultural apresentado por meio das pinturas. Sejam elas renascentistas, barrocas, contemporâneas, da cultura popular, local etc. Estas que parecem não ser tão interessantes para o aluno querer analisá-las. Como exemplo de tentativa de criar uma dinamicidade em relação às imagens apresentadas, em 2019 tivemos uma exposição no Museu Nacional de Belas Artes, do Rio de Janeiro (MNBA), que apresentou a exposição "*Hashtags da Arte*". A mostra usava *hashtags* no acervo de pinturas do museu. O objetivo era resgatar o público jovem a visitar as obras do museu, porém de uma forma mais descontraída, com uma linguagem presente no cotidiano desses jovens, que têm contato com redes sociais e utilizam esse tipo de linguagem nelas. Segundo o site³ ABC, a mostra aumentou bastante o número de visitação de públicos no museu.

E em sala de aula? Que maneira poderíamos atrair o aluno para a leitura de pinturas figurativas? Bom, isso é algo que inquieta, uma vez que parece que os modos tradicionais de mostrar imagens com pranchas impressas ou mesmo o uso do datashow, por exemplo, não convidam tanto o aluno a olhar a reprodução de obras ali apresentada.

A forma de apresentar um conteúdo para o aluno sempre foi uma preocupação importante para mim, enquanto pesquisadora, e de que modo ele poderia demonstrar interesse pelos assuntos. Ou seja: há muito existe uma preocupação com o recurso didático. Este que faz a ponte entre o conhecimento e o aluno. O problema está no questionamento "com o quê?". Como atrair o aluno a conhecer o que está sendo proposto em artes? Seria interessante

³ Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/arte-club/2019/07/museu-nacional-de-belas-artes-no-rio-prorroga-exposicao-hashtags-da-arte>. Acesso em: 10 de jun.2020.

o uso de documentários, vídeos, filmes etc.? Todos eles são válidos e ajudam muito o professor na ponte entre o aluno e o conhecimento.

Lembro-me que, em uma das aulas, para alunos do 8º ano, apresentei o conteúdo do período conhecido como *Pop Art*. Foi realizada a explicação a respeito desse movimento artístico e foram utilizados alguns recursos que possibilitassem a eles compreenderem que esse movimento é tão presente em suas vidas, que eles nem imaginam. Queria mostrá-los que não era uma "arte do passado". Mas como fazer isso!?

Não foi fácil, exigiu muita elaboração, mas imediatamente recorri a um pequeno documentário, editado por mim, aos aplicativos de edições de imagens, que se pode escolher um filtro para por nessa imagem. E logo veio a ideia do filtro inspirado nas obras de Andy Warhol. Além disso, foram feitas pesquisas em alguns tutoriais, no *YouTube*, de maquiagens artísticas inspiradas nas obras de Roy Lichtenstein. Fiquei super feliz por ver o interesse dos alunos por *Pop Art* e como eles relacionaram esse conhecimento com o seus cotidianos. Eles começaram a identificar releituras com inspirações na *Pop Art* entre outras coisas. Foi uma aula bastante rica de aprendizagem, a meu ver, uma vez que eu recebia uma resposta positiva de compreensão por parte dos meus alunos. Será que talvez se eu levasse um texto e algumas reproduções de obras, no datashow, teria esse resposta positiva e esse grande interesse por parte dos alunos?

Ao lembrar dessa aula refleti bastante acerca de outros conteúdos, níveis de ensino etc. Os alunos de 6º ano, do ensino fundamental II despertaram maior atenção. De que forma eu poderia inserir a leitura de obras figurativas que fugissem aos modos tradicionais como usar um datashow, reproduções impressas etc? Foi nesse momento que surgiu a possibilidade do uso de livros *pop up* nas de pinturas de obras de artes.

É algo um tanto trabalhoso: selecionar as reproduções, aprender as técnicas de montagens de livros pop ups, ter acesso a materiais e impressora para a confecção desse recurso. Porém, começando com técnicas simples de confecção de livro *pop up*, produzido pelo o professor, valeria a pena todo esforço, uma vez que esse tipo de livro parece ter um grande potencial de atrair o olhar da criançada (e jovens) para ele. Seria então um recurso maravilhoso, no qual auxiliaria o professor de arte para a leitura de imagens, por parte desse público.

Ao pensar no recurso didático, conseqüentemente pensamos na aprendizagem do aluno. Por isso, este produto educacional é voltado para os professores que desejam

experimentar uma nova forma de apresentar as pinturas figurativas para os seus alunos. Um ponto importante e que caracteriza o produto educacional é o docente exercer o seu lado de professor/artista, uma vez que, o mesmo deverá usar da sua criatividade para a elaboração desse material e ao estimular novas criações por seus alunos. Esse pequeno manual poderá ser o ponto de partida para a elaboração de livros *pop up* pelo o professor. Este poderá se aprofundar e experimentar as diferenciadas técnicas de livros *pop up* e criar um novo mundo de possibilidades a partir da exploração das imagens.

Primeiramente, apresentarei de forma sucinta a história da origem do livro *pop up*. Em seguida, apresentarei o porquê deste produto educacional poder ser promissor para a leitura de imagens e, por fim, apresentarei um passo a passo de elaboração de três obras figurativas no formato de livro *pop up* com duas técnicas bem simples desse tipo de livro.

Débora Evelyn Souza de Oliveira

2 LIVRO POP UP : UMA INTRODUÇÃO

Os livros *pop ups* são livros cujas ilustrações "saltam" da página, lhe conferindo um aspecto 3D (tridimensional), criado a partir de dobraduras bem detalhadas do papel. Esse tipo de livro possui diversas técnicas de dobradura de papel, que vão das mais simples até bem complexas técnicas, para transformar um personagem, um cenário ou qualquer outro elemento da história narrada no livro.

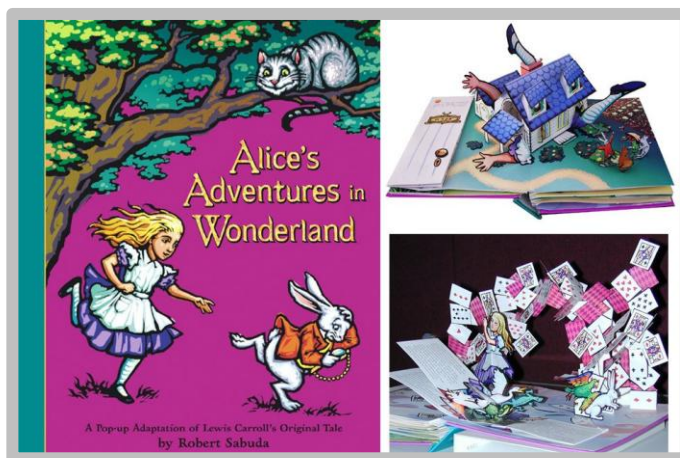


Imagem 1 - Livro: Alice no País das Maravilhas (2010)
Robert Sabuda

Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2011/07/livro-pop-up-de-alice-no-pais-das-maravilhas>. Acesso em: 30 de jun.2020

Imagem 2 - Livro: Turma Da Mônica: brincando de folclore (2012)
Maurício de Sousa



Fonte: Arquivo Pessoal

Assad (2018), em seu trabalho de conclusão de curso, apresenta uma definição bem mais aprofundada desse tipo de livro:

Pop up é um termo de origem anglófona que significa, literalmente, “saltar para frente” (PELACHAUD, 2010). Consta no *Longman Dictionary of Contemporary English* a definição “*to appear suddenly and unexpectedly*”: aparecer repentina e inesperadamente. Ainda de acordo com este dicionário, a expressão pode referir-se tanto a uma mídia gráfica – livro, cartão – quanto a um produto – uma torradeira, por exemplo –, aplicando-se àquilo que é projetado para fazer algo saltar subitamente de dentro de si (STAROST, 2005 apud ASSAD, 2018, p.10)

Os livros *pop ups* possuem três características: são tridimensionais, possuem uma movimentação e são lúdicos. Desta forma, não basta o leitor passar de uma página para outra, pois esse tipo de livro requer do leitor uma interação, um tempo mais longo que permita explorá-lo nos mínimos detalhes.

Camila Rockenbach (2013), apresenta outras informações relevantes sobre o mecanismo e característica que diz respeito a elementos que identificam o livro *pop up*:

Para que um dispositivo móvel seja definido como *pop up*, duas condições devem ser atendidas: o acionamento automático do mecanismo com o abrir das páginas do livro e a tridimensionalidade da estrutura resultante desta ativação. Os *pop ups* são as técnicas de engenharia do papel mais populares, portanto muitos livros móveis disponíveis atualmente no mercado são compostos predominantemente desta técnica. (ROCKENBACH, 2013, p.15)

Um pouco da história do *pop up*.

Os *pop ups* surgiram no período medieval, com o objetivo de explicar sobre astronomia e também assuntos relacionados à medicina, à matemática entre outros. As imagens desse tipo de livro eram chamadas de ilustrações móveis. Foi escritor Harold Lentz, em 1930, que utilizou o termo *pop up* (ASSAD, 2018). Além disso, a autora (2018) apresenta um breve histórico sobre como os livros *pop ups* foram direcionados para o público infantil:

A partir do século XVIII, com a Revolução Industrial e o surgimento da classe burguesa, uma nova mentalidade emerge: as crianças deixaram de ser vistas como “selvagens amorais” e começaram a ser entendidas como “seres racionais” com necessidades próprias (RUBIN, 2005), à medida que a infância foi sendo valorizada. A nova classe-média estava disposta a gastar com educação (VAN DYK, 2010) e extravagâncias como livros móveis, uma vez que se tornou aceitável o aprendizado como uma experiência prazerosa e a leitura como uma mera diversão (RUBIN, 2005). No ano de 1765 foi publicada a primeira série de livros *pop up* destinada ao público infantil (...) (ASSAD, 2018, p.12)

É importante ressaltar que, apesar do livro *pop up* estar associado ao universo infantil, este tipo de livro permite ser direcionado para o público de todas as idades, uma vez que, o conteúdo (a história ali contada) não precisa ser, necessariamente e exclusivamente, para as crianças.

3 POR QUE O LIVRO POP UP ?

A característica fundamental dos livros *pop ups*, é proporcionar uma ideia de interação entre ele e o leitor. E essa interação pode ser mais rica do que em um livro convencional, no sentido de permitir maior nível de detalhes, cores e formas a serem observados, e sensação de surpresa a cada página aberta. O leitor é convidado a interagir, observar, mover fechando e abrindo as páginas do livro e não simplesmente folhear.

Segundo Avella (2006 apud ASSAD, 2018, p. 08), em uma pesquisa realizada em Amsterdã, os leitores conseguem guardar mais informações quando leem livros *pop ups* quando comparadas à informações através da leitura em livros convencionais. Já Rockenbach (2013) cita em seu trabalho de conclusão:

Os livros e cartões *pop up* são as formas mais conhecidas de engenharia de papel, contudo as técnicas podem ser empregadas a qualquer objeto impresso neste substrato. O custo e o tempo necessários para a confecção destes materiais são um grande empecilho para um uso mais disseminado das técnicas de engenharia do papel, porém o impacto provocado por estas peças constitui um grande atrativo se o objetivo for criar um material realmente único e marcante. (ROCKENBACH,2013, p.27)

Possivelmente, a pesquisa se referiu a leitura convencional (leitura de textos), porém, isso não anula o impacto visual que esses livros possuem. Mesmo que a ideia que permeia esse trabalho seja um recurso para auxiliar a leitura de imagem, mais especificamente a leitura de pinturas figurativas, tendo acesso à essa informação apresentada por Assad (2018) e Rockenbach (2013) ajudaram a reforçar a proposta a respeito de usar o livro *pop up* como ferramenta pedagógica. Transformando-o em um produto educacional.

Birmingham (2006), em seu manual, cita a seguinte informação sobre os livros *pop ups*:

O manual começa com a introdução de alguns desenhos simples e elementares, e, em seguida mostra como eles podem ser estendidos, modificados e combinados para produzir esculturas sofisticadas de papel dobrável, com o potencial de ilustrar uma ampla variedade de histórias, tópicos e noções. (BIRMINGHAM,2006, p.03)

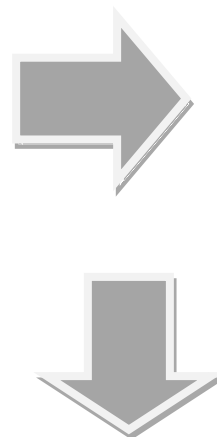
Os livros *pop ups*, atraem a atenção do leitor pela a maneira pela qual ele interage com o mesmo. Por que não experimentá-lo, adaptando as pinturas figurativas nesse formato?

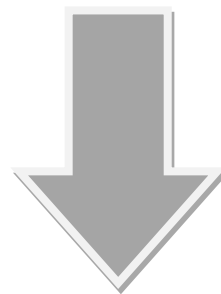
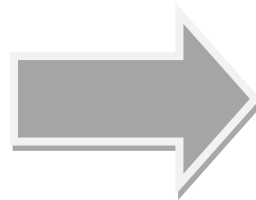
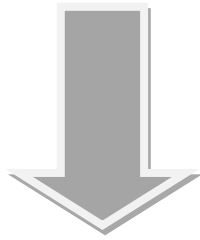
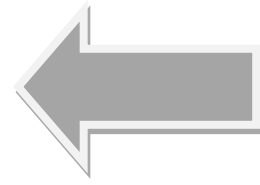
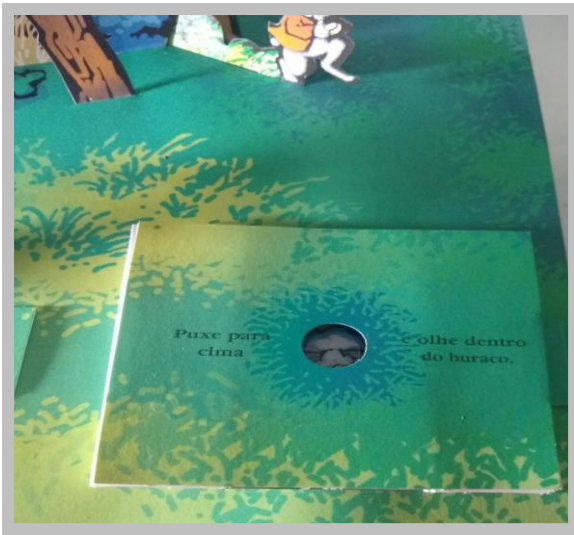
Santos e Licheski (2017) acrescentam uma informação interessante ao apresentarem a opinião de Alex Bates:

Alex Bates, Diretor de Criação da empresa de Design Structural Graphics da cidade de Connecticut, acredita na sobrevivência dos materiais de engenharia de papel, pois a ação de mexer fisicamente em algo atrai as pessoas, segundo ele "os humanos gostam de brincar com as coisas que podem segurar" (PULEO, 2011, p.54, tradução livre da autora). Isso reforça a ideia de que a experiência física, oferecida pelos livros *pop up*, mesmo com a junção de outras tecnologias, é algo desejável, já que estimula ludicamente a apreensão da informação, tornando-a prazerosa e, assim, há a possibilidade de aumento da capacidade cognitiva do leitor. (SANTOS e LICHESKI ,2017,p.9)

A seguir, veremos um exemplo apresentando as etapas que normalmente acontecem quando começamos a interagir com os livros *pop ups*. Será usado como exemplo o livro Alice no País das Maravilhas (2010) de Robert Sabuda, adaptado para *pop up*.

Imagem 3 - Sucessões de fotografias tiradas pela a autora, 2020







Podemos ver que o livro em *pop up*, “Alice no País das Maravilhas”, mostra um exemplo, de duas páginas, que constituem a arquitetura de papel, que há uma dinâmica na qual o leitor irá participar para poder realizar a leitura e observar as ilustrações em 3D. "Participar", pois ele irá abrir o livro, e ao abrir, o leitor irá se deparar com a ilustração "saltando da página", ou seja, com a sensação de que a imagem vem para frente e que há camadas de percepção. O leitor irá observar que há outros elementos para serem explorados. Pode ir e voltar com a imagem, trazendo também a ideia de movimento, e, além disso, este tipo de livro estimula que o leitor percorra visualmente as imagens sobrepostas. No exemplo no livro da Alice há sucessões de papéis colados se transformando em uma espécie de sanfona de papel. O leitor, olhando na direção correta irá ver que essa arquitetura de papel está representando o momento em que ela cai em um túnel, da grande toca, ao ir atrás do coelho. Além de à esquerda da página do livro possuir um "mini livro" contando a história e com pequenas ilustrações, em *pop up*, que aparecem a medida que o leitor vai lendo o texto e mudando para a próxima página do "mini livro". Ou seja, ele é convidado a explorar todos os elementos visuais e textuais que aparecem nas duas páginas conectadas por uma grande ilustração comum às mesmas.

A seguir será mostrado o passo a passo de duas técnicas simples de confecção de livro *pop up* utilizando três pinturas de dois artistas que colaboram para exemplificar a possibilidade de propostas a partir da ideia desta pesquisa. As obras escolhidas são: "Menina e

Bicicleta" 1965 e "Roda" 1942 de Milton Dacosta, e "O Violeiro" 1899 de Almeida Júnior. As pinturas desses artistas, foram escolhidas com objetivo de exemplificar as possibilidades inúmeras de trabalho com imagens a partir das duas técnicas aqui apresentadas. Portanto, a escolha dos dois artistas foi de forma aleatória para título de ilustração do produto educacional.

As propostas de atividades são imensas. O professor poderá adaptar reproduções de pinturas figurativas em pop up, para apresentar a obra de uma forma diferente dos modos tradicionais, para realizar leituras de imagens. O professor poderá explicar técnicas simples de engenharia de papel (*pop up*) para os seus alunos, propor releituras de obras figurativas, utilizando técnicas empregadas em livros *pop up*, selecionar conteúdos como plano, profundidade, perspectiva, ilustrações de poemas etc. para serem trabalhados utilizando as técnicas empregadas nos livros *pop ups*, para a criação dos mesmos pelos os alunos. Enfim, há uma infinita possibilidade de atividades que poderão ser trabalhadas a partir de livros *pop up*.

4 TÉCNICAS SIMPLES: UM COMEÇO...

Para a montagem de livros *pop up* podemos contar com diversas técnicas, com grau de dificuldades bem variado. A complexidade da montagem de livros *pop ups* está relacionada com o tipo de dobradura e animação.

As diferentes técnicas empregadas nos livros *pop-up* podem ser agrupadas de acordo com a natureza da interação. Elementos sensoriais – táteis, sonoros –, ou dinâmicos. Neste caso, a animação pode ser automática, provocada com o folhear das páginas, ou manual, dependente da ação do leitor para desencadear o movimento (BIBLIOTHÈQUE..., 2016). É importante salientar que cada mecanismo possui inúmeras variações e podem ser adaptados e combinados, resultando em infinitas possibilidades. (IVES, 2009 apud ASSAD, 2018, p.18)

Birmingham (2006), em seu livro *Pop Up! - a manual of paper mechanisms* faz a seguinte introdução:

Este manual oferece um guia de trabalho para os intrigantes mecanismos que surgem dos livros ou cartões *pop up*. A única maneira realista de entender o potencial da tecnologia *pop up* e aprender como esses mecanismos são projetados e construídos é fazer você mesmo uma ampla variedade. Apreciar como os mecanismos padrão funcionam. (BIRMINGHAM, 2006. p.3.)

Esse manual de Birmingham (2006), será utilizado para a exemplificação das pinturas em *pop up*, a partir de duas técnicas ali abordadas.

5 MATERIAIS

Antes de dar início aos três exemplos de confecção de reprodução de pinturas no formato *pop up* é importante falarmos dos materiais que deverão e/ou poderão ser utilizados para a confecção do livro. Os básicos são: cola, tesoura, estilete e régua. Em relação ao tipo de papel, este precisa ser um pouco rígido para poder manter a ilustração firme e na vertical. Um exemplo é o papel cartão. Nos exemplos abaixo, foi utilizado o papel fotográfico. Outra coisa importante é o uso de impressões das reproduções das pinturas, que serão confeccionadas em *pop up* ou a criação a partir de desenhos dos próprios alunos.

Nesses três exemplos a opção pelo papel fotográfico se deu para que as reproduções já saíssem em uma folha mais firme, sem precisar usar um papel A4 comum e depois colar em um papel mais rígido. Birmingham (2006) sugere que a confecção de *pop ups* se dê com papéis de gramatura de 220g/m². A escolha do tipo de papel é muito importante, uma vez que esse fará a diferença na projeção da imagem no *pop up*.

6 TÉCNICA 1:

Antes de apresentar a técnica 1 é importante falarmos das partes que compõem o mecanismo *pop up*. As imagens, a seguir, apresentam alguns conceitos importantes que fazem parte do processo de montagem de um *pop up*. Para tornar mais fácil a visualização e conceituação, organizei uma pequena legenda com os nomes das partes que compõem um *pop up*. A legenda foi construída com base nas informações apresentadas por Birmingham (2006 e 2010).

Imagem 4

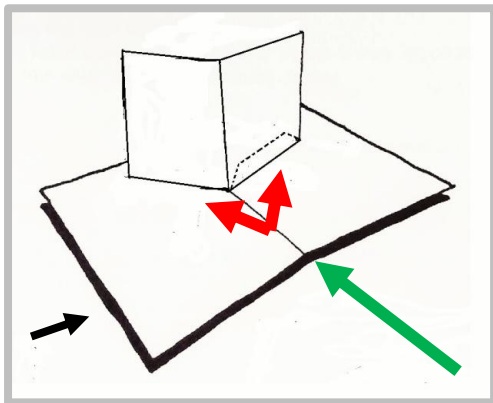
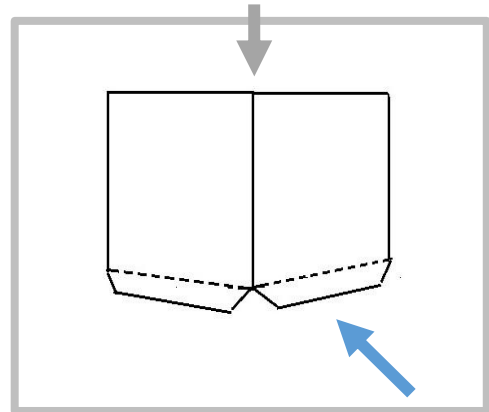
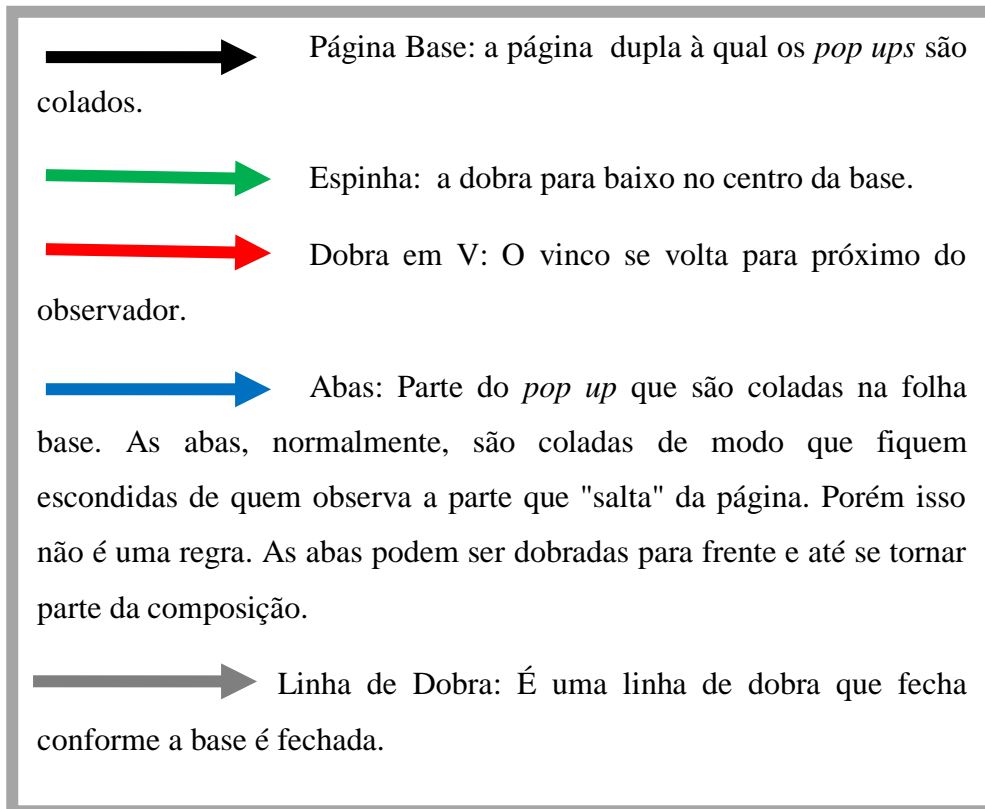


Imagem 5



Fonte: Imagens criadas pela autora, adaptadas de Birmingham, 2006.

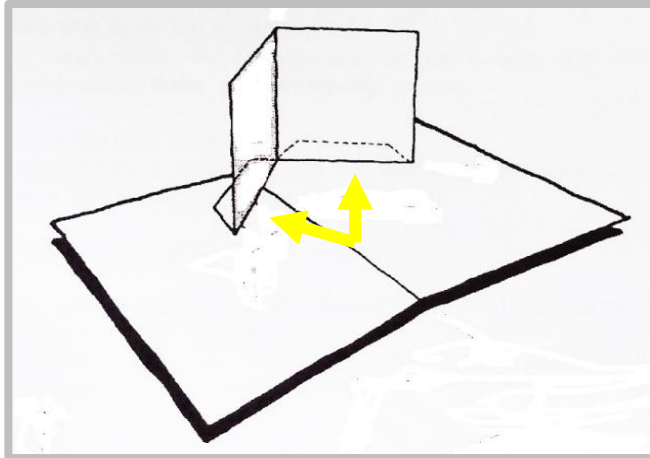
Legenda:



É importante ressaltar que os *pop ups*, ao serem ativados, podem ser projetados para "saltar" quando as páginas estão a um ângulo de 90° e, também, a 180°, esse último quando o livro está totalmente aberto (ROCKENBACH,2013). Para os dois exemplos das obras de Dacosta, a abertura das páginas será de 180°.

A dobra em V é um dos mecanismos mais simples utilizado para confecção de livro *pop up*. Na imagem 4 a dobra em V (seta vermelha) está em direção ao observador. A dobra em V também pode está longe do observador (seta amarela), como mostra na imagem 6:

Imagem 6



Fonte: Imagem criada pela autora, adaptado de Birmingham, 2006.

Para os exemplos 1 e 2 foi utilizado a técnica com a dobra em V (imagem 4) apontada para o observador.

A seguir, apresentarei o passo a passo da construção, em pop up, de duas obras de Milton Dacosta, artista brasileiro moderno, que viveu no período de 1915-1988, tendo como proposta artística uma estética voltada para abstração - figuração, na maioria de suas obras.

6.1 EXEMPLO 1:

Imagem 7



Menina e Bicicleta. 1965
Milton Dacosta
80 X 80 cm
Acrílica sobre tela

Fonte: <https://www.leilaoarte.com/leilao/2020/marco/85/milton-dacosta-menina-com-bicicleta-14895>. Acesso em: 30 de jun.2020.

Para a obra *Menina e Bicicleta*, imprimi uma reprodução da mesma, em papel fotográfico. Recortei a figura da obra, porém deixei um pedaço de folha sob as rodas da bicicleta para formar as abas que serão coladas na base. Por sua vez, como o fundo da obra de Milton Dacosta é somente azul. Imprimi, novamente em papel fotográfico, as folhas que serão a base que a figura será colada. As folhas de base foram já impressas na cor azul, próximo ao tom que está no fundo da Obra "*Menina e Bicicleta*". Desta forma, as abas da figura foram coladas na base de modo que a dobra em V ficasse próxima do observador. Como foi mostrado, anteriormente, na imagem 4. Abaixo, apresento o resultado da obra em *pop up*, de Milton Dacosta, "*Menina e Bicicleta*":

Imagem 8 - Confeção da pintura "*Menina e Bicicleta*", em *pop up*, pela autora.



Fonte: Arquivo Pessoal

6.2 EXEMPLO 2:

Imagem 9



Roda. 1942
Milton Dacosta
75,5 X 88 cm
Óleo sobre tela

Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3592/roda>. Acesso em: 30 de jun.2020

No exemplo 2 a obra escolhida foi "Roda" novamente do artista Milton Dacosta. A confecção dessa reprodução em *pop up*, foi de acordo com a imagem 4, a dobra em V em direção ao observador e com o mesmo mecanismo. Quero ressaltar que para essa obra, adaptei a página base para formar o cenário no qual está a figura principal (as meninas na roda). Para o cenário, coleí, sobre a folha base de cor verde, um pedaço de folha na cor azul com amarelo em degradê, representando o céu. De uma outra reprodução, da mesma obra, recortei as flores brancas e coleí cada uma na página base, assim representando a grama com folhas que aparecem na obra de Milton Dacosta.

Imagem 10 - Confecção da pintura "Roda", em *pop up*, pela a autora.



Fonte: Arquivo Pessoal

Na imagem 11 mostro como é o mecanismo de dobra desse *pop up*. Seguindo o mecanismo da imagem 4.

Imagem 11



Fonte: Arquivo Pessoal

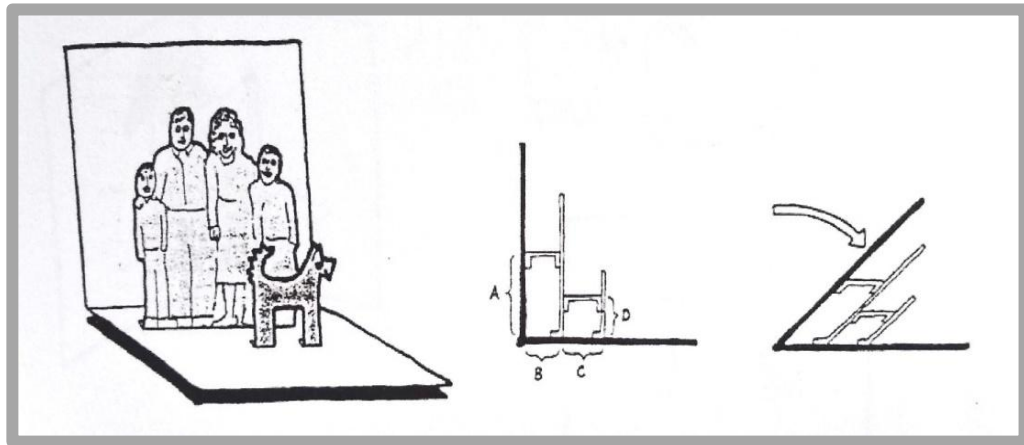
A imagem 11 está representando o movimento possibilitado a partir da colagem de uma imagem simples com dobra em V.

7 TÉCNICA 2:

A próxima técnica que será apresentada nesse produto educacional é a dobra paralela (imagem 12). Nesse mecanismo a abertura da página é de 90°, de forma, as camadas que compõem o *pop up* saltam quando a página é aberta nesse ângulo.

Nesse mecanismo a base é usada tanto como fundo quanto como piso. As imagens, dobras paralelas, estão na vertical e são presas através de folhas horizontais formando uma ponte. Estas, por sua vez, são paralelas à espinha e coladas no verso das peças, servindo como suporte para as imagens do *pop up* (BIRMINGHAM, 2006).

Imagem 12



Fonte: Birmingham, 2006.

Para explicar as marcações indicadas com letras, Birmingham (2006) diz: "O comprimento A na base é igual a A na parte de trás da peça destacável principal. O comprimento B na base é igual à parte 1. O comprimento C na base é igual a ponte 2. O comprimento D nas costas do cão é igual a D na peça pop up principal." (BIRMINGHAM, 2006. Traduzido pela a autora)..

A seguir, apresentarei o passo a passo da construção, em *pop up*, de uma obra de Almeida Júnior, artista brasileiro representante da arte acadêmica, que viveu no período de 1850 - 1899, tendo como proposta artística uma estética voltada para o figurativismo realista.

7.1 EXEMPLO:

Imagem 13

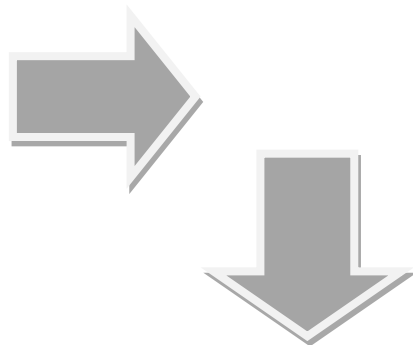


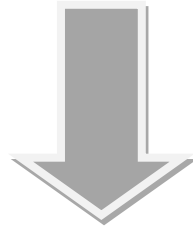
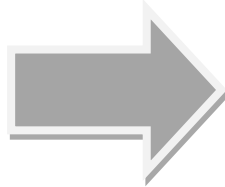
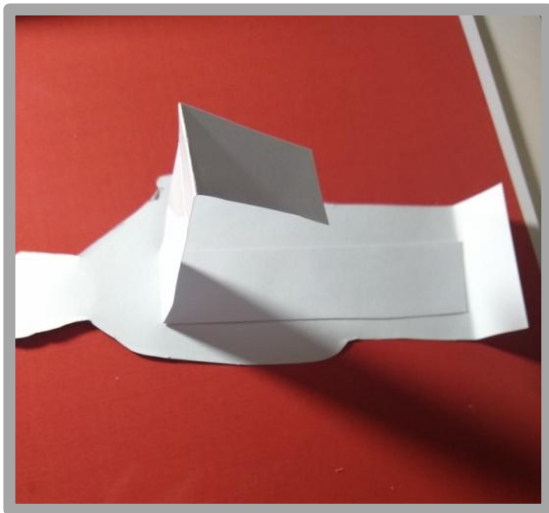
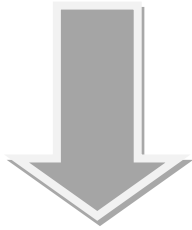
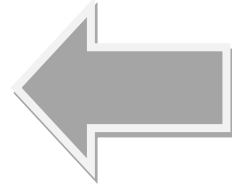
O Violeiro. 1899
Almeida Júnior
141 x 172 cm
Óleo sobre tela

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Almeida_J%C3%BAnior_-_O_Violeiro_\(1899\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Almeida_J%C3%BAnior_-_O_Violeiro_(1899).jpg). Acesso em: 30 de jun.2020

Para a confecção, em pop up, da obra "O violleiro", imprimi a reprodução da obra e imprimi as páginas base nas cores terracota. Recortei as personagens principais da obra. Na página base colei o cenário sem as figuras. Para colar o violleiro e a mulher, cortei dos papéis que foram colados no verso das peças para servir como suporte.

Imagem 14- Etapas da confecção da pintura "O Violeiro", em *pop up*, pela a autora.





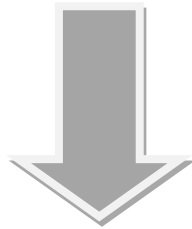
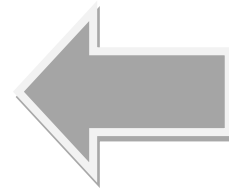


Imagem 15 Resultado da confecção da pintura "O Violeiro", em *pop up*, pela a autora.



Fonte: Arquivo Pessoal

8 POSSIBILIDADES!

As possibilidades para trabalhar com *pop up* são infinitas. O professor pode trabalhar leitura de imagens apresentando para seus alunos, reproduções de obras em *pop up*. Há diversas técnicas, além das simples apresentadas neste manual, técnicas mais complexas que podem ser empregadas para a confecção de obras em *pop up*. O professor poderá usar sua criatividade e construir lindas peças em *pop up*. Uma possibilidade bem interessante é criar trabalhos em *pop up* com os alunos. Os alunos poderão adaptar releituras de obras de arte, ilustrações criada por eles de músicas, histórias e poemas, partindo das técnicas mais simples apresentadas no manual. O professor poderá destacar a possibilidade de percepção de planos e criação a partir da página base da imagem e de elementos que podem constituir diferentes planos. Enfim, o repertório de possíveis atividades é imenso, para trabalhar diversos assuntos e o processo criativo do aluno nas aulas de arte.

Portanto, o produto educacional aqui, apresentado, é uma forma de contribuir para que o professor de arte consiga apresentar a leitura de imagem de modo que este aluno se sinta a vontade e atraído por esse produto e participe ativamente da aula de arte no processo de leitura de imagens e criação e ressignificação das obras trabalhadas.

É importante ressaltar que a arquitetura de papel empregada nos livros *pop up* exigem a percepção de usos do papel, assim poderão ser desenvolvidos trabalhos com graus variados de dificuldade. Esse produto educacional é direcionado ao professor que poderá estimular as percepções de perspectiva e planos das imagens da arte e mediar o conhecimento em arte através do estudo dos elementos visuais escolhidos pelos artistas, assim como nas construções e interferências que os alunos podem criar contextualizando o tema trabalhado. Desta forma, a sua produção requer, por parte do docente disponibilidade, materiais, um pouco de habilidade e criatividade para transformar as pinturas figurativas em verdadeiras imagens *pop up*, e, por que não, a formação de um livro posteriormente a partir do conjunto de imagens elaboradas?

Esta pesquisa propõe, portanto a opção de o próprio professor criar as imagens, assim como os alunos desenvolverem suas abordagens de um conteúdo proposto: O professor poderá, inicialmente, traçar um planejamento de quais obras serão trabalhadas no ano letivo e fazer a confecção do livro com essas obras. Outra possibilidade é trabalhar obras de um artista no formato *pop up*. O professor poderá, também, confeccionar obras em *pop up*, porém sem colocá-las em um formato de livro. O professor e o aluno são livres para usarem a criatividade e trabalhar com esse produto educacional da melhor forma que atenda as suas necessidades.

Que tal criar um *pop up* com obra figurativa que você adoraria trabalhar com seus alunos? Ou criar uma atividade interessante para os seus alunos com o *pop up*? Vamos criar!

REFERÊNCIAS USADAS NO PRODUTO EDUCACIONAL

ASSAD, Daiadara Anis Ferrarini. **Pop -Up-Pédia: Um livro Pop -Up sobre Pop - Up.**2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Design Gráfico) - Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

BIRMINGHAM, Duncan. **Pop-Up!: A Manual of Paper Mechanisms.** St Albans: Tarquin Publications, 2006.

BIRMINGHAM, Duncan. **Pop-up design and paper mechanics: How to make folding paper sculpture.** Lewes: Guild of Master Craftsman Publications, 2010

DACOSTA, Milton. **Coleção Folha grandes pintores brasileiros.** São Paulo: Folha de São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2013.

JÚNIOR, Almeida. **Coleção Folha grandes pintores brasileiros.** São Paulo: Folha de São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2013.

ROCKENBACH, Camila. **A poesia pop (up) de Paulo Leminski: Um projeto editorial com técnicas de engenharia do papel.**2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Designer) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.